

## CARACTERÍSTICAS FONOLÓGICAS EM MANUSCRITOS SETECENTISTAS PRODUZIDOS EM MATO GROSSO

Grasiela Veloso dos Santos  
Universidade Federal de Mato Grosso

Elias Alves de Andrade  
Universidade Federal de Mato Grosso

**RESUMO:** De um prisma filológico, este artigo abordará a relação grafemático-fonética de manuscritos do século XVIII, produzidos na Capitania de Mato Grosso, pertencentes ao Arquivo Público de Mato Grosso – APMT. Para isso, são apresentadas as edições fac-similar, que é a fotocópia ou digitalização dos documentos, e semidiplomática, transcrição do corpus, que se caracteriza por manter praticamente todas as características do original, apenas com o desdobramento das abreviaturas. As inconstâncias da escrita constituem uma das peculiaridades que incitaram à realização desse tipo de análise, pois possibilitam perceber que nem todos os escribas da época redigiam da mesma forma, sendo a poligrafia um material rico a ser observado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Filologia. Edição. Manuscrito. Requerimento. Fonologia

**ABSTRACT:** From a philological perspective, this article will approach the phonetic-grafematic relationship on manuscripts produced in the Captaincy of Mato Grosso in the 18th Century, which nowadays belong to Mato Grosso's Public Archives - APMT. In order to cope with this aim, we present fac-similar editions, photocopying or scanning of documents, and semidiplomatic, transcription of the corpus, which is characterized by keeping virtually all characteristics of the original, only with the deployment of abbreviations. The inconsistencies of writing is one of the peculiarities that led us to resort to this kind of analysis. They allow realizing that, at that age, not all of the scribes used to draw up in the same way, and that polygraphy was a rich material to be observed.

**KEYWORDS:** Philology. Edition. Manuscript. Application. Phonology

## Introdução.

Em uma das visitas feitas ao Arquivo Público de Mato Grosso, verificou-se a grande quantidade de manuscritos, sob a forma de requerimento, que apresentam poligrafia, em alguns casos sinalizando para características de natureza fonético-fonológica, questão que será abordada neste artigo. Para isso, serão feitas as edições fac-similar e semidiplomática de parte do *corpus* analisado, a primeira entendida como a fotografia do manuscrito e, a segunda, como a transcrição que preserve praticamente todas as características do testemunho, apenas com o desdobramento das abreviaturas, visando a facilitar sua leitura. A seguir, serão estudadas as características fonético-fonológicas percebidas, como traços do português trazido pelos bandeirantes paulistas, através das monções, para a então Capitania de Mato Grosso. Esta é uma atividade desenvolvida como parte dos projetos de pesquisa “Estudo do português em manuscritos produzidos em Mato Grosso a partir do século XVIII”, do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso – MeEL/IL/UFMT, e “Para a História do Português Brasileiro – Mato Grosso – PHPB-MT”.

### 1. Os requerimentos do século XVIII.

O requerimento, em linhas gerais, é um gênero discursivo<sup>1</sup>, burocrático institucional e formal, que concretiza o ato de requerer, pedir. Os requerimentos selecionados aqui têm diferenças com os escritos nos dias atuais, tanto formais, quanto discursivas. Atualmente, são mais objetivos, simplificados, além de serem impressos. Os do século XVIII apresentam uma estrutura que se aproxima muito mais de uma carta, pelo seu caráter discursivo. A propósito de sua tipologia, Belloto (2002, p. 86) afirma:

Instrumento que serve para solicitar algo a uma autoridade pública e que, ao contrário da petição, está baseado em atos legais ou em jurisprudência. Muitas vezes, o requerimento faz menção a esses atos, que toma como base jurídica. Embora a definição possa ser a mesma para os requerimentos antigos e os atuais, o seu discurso é um pouco diferente num e noutro caso. Nos requerimentos da antiga administração colonial temos: **Protocolo inicial**: nome e qualificação do requerente. No caso da documentação colonial, muitas vezes o requerimento

---

1 Entende-se por gênero discursivo o que Maingueneau (2004, p. 61) define como “[...] dispositivos de comunicação que só podem aparecer quando certas condições sócio-históricas estão presentes [...] os gêneros de discurso pertencem a diversos tipos de discurso associados a vastos setores da atividade social.”

contém a palavra Diz antes do nome do interessado. **Texto:** a narração aludindo aos direitos e/ou interesses do signatário naquilo que pede. O pedido, à guisa de dispositivo. **Protocolo final:** ERM (e receberá mercê) e a assinatura do requerente (ou não) e data cronológica ausente. Nos requerimentos atuais, a estrutura do texto é: **protocolo inicial:** titulação e nome da autoridade a quem está dirigido o requerimento. **Texto:** nome, qualificação profissional e função do interessado. “Requer...”, seguindo-se a exposição da solicitação, fazendo alusão ao seu embasamento legal. **Protocolo final:** as palavras “Nestes termos. Pede deferimento”. Datas tópica e cronológica (grifos do autor).

Os requerimentos do século XVIII eram escritos quase como forma de súplica, pois havia uma forte relação do Estado Português com a Colônia, muitos deles endereçados a governadores da época, representantes da Coroa na Capitania. Os que se procurou abordar aqui se referem a pedido de carta de Sesmaria. As Sesmarias, conforme Siqueira (2002, p.39), “[...] eram extensões de terras doadas pelo rei, através dos capitães-generais, aos colonos que tivessem requerido, através de ofício, uma determinada porção de terra a que chamavam ‘data’.” No caso de Mato Grosso, essas terras eram concedidas aos colonos, no total de 6 léguas de terra em quadra, a mesma quantia de frente como de fundo, cedidas em número menor, devido ao temor da Coroa Portuguesa de que essas terras pudessem ser auríferas.

Na maioria destes requerimentos, há em anexo ou no próprio fôlio, uma carta ou parecer de um representante do governador, encontrando-se, em alguns deles, também a carta de cessão da sesmaria. O trâmite da concessão era um processo demorado, pois a cessão pelo governador era em caráter provisório, cujo pedido era remetido ao rei de Portugal a quem cabia expedir a carta definitiva.

## **2. A Filologia.**

As modificações que o tempo causa nos documentos antigos, provocando muitas vezes seu desaparecimento, tornou a atividade filológica uma tarefa de suma importância para a conservação e preservação do patrimônio cultural escrito de nossa civilização. A filologia, entendida como o “[...] estudo global de um texto, ou seja, a exploração exaustiva e conjunta dos mais variados aspectos de um texto: linguístico, literário, crítico textual [...]. (CAMBRAIA, 2005, p. 18)”, tem papel relevante na preservação e preparação de textos antigos, a maioria deles manuscritos. Para tanto, prevê sua transcrição, cujos tipos, segundo Cambraia (2005, p. 91-107), podem ser: diplomática, semidiplomática,

crítica, crítico-genética e modernizada.

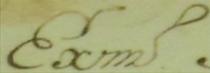
Nesse artigo, optou-se pela edição semidiplomática, que Spina (1977, p. 78-79) também define como diplomático-interpretativa, que “Vai mais longe na interpretação do original, pois já representa uma tentativa de melhoramento do texto, com a divisão das palavras, o desdobramento das abreviaturas [...]”.<sup>2</sup> Por sua vez, Cambraia (2005, p. 95) denomina esse tipo de edição de paleográfica, também chamada semidiplomática, paradiplomática ou diplomático-interpretativa.

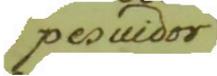
### 3. Edições fac-similar e semidiplomática.

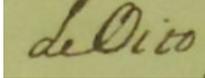
Para a edição semidiplomática, serão utilizados alguns critérios baseados no *II Seminário Para a História do Português Brasileiro*, ocorrido no período de 10 a 16 de maio de 1998, em Campos do Jordão, São Paulo.

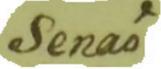
1) As linhas são numeradas de cinco em cinco à margem esquerda do editor.

2) As abreviaturas são desdobradas, marcando-se com itálico as letras omitidas.

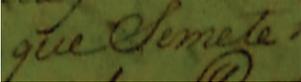
Ex.:  <Excellentissimo> (Ms2, 1)<sup>2</sup>

3) A grafia é mantida. Ex.:  <pesuidor> (Ms2, 9)

4) As fronteiras de palavras são mantidas. Ex.:  <deOito> (Ms2, 12).

5) A pontuação é mantida, assim como a acentuação, com presença ou não de diacríticos; Ex.:  <senaõ> (Ms2, 13).

As maiúsculas e minúsculas também são preservadas como no original;

Ex.:  <queSemete>

As intervenções por terceiros são transcritos entre chaves: { };

Os caracteres de leitura duvidosa são transcritos entre parênteses ( );

As rubricas são transcritas como [rubrica];

<sup>2</sup> Leia-se (Ms 2,1) como manuscrito 2, linha 1.



Transcrição 1- Fólio 1r	
Código de identificação	BR. APMT. SES.RQ. 0102. CAIXA Nº 002
Assunto	Requerimento de Vicente de Oliveira Leme solicitando ao governador e capitão general da Capitania de Mato Grosso, Luís de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, terras por carta de sesmaria.
Local	Vila Bela da Santissima Trindade – MT
Data	28 de outubro de 1777
Assinatura	Idiógrafo <sup>3</sup>

{28.10.77}

InformeoDoutor Provedor daFazenda Real

ouvido oProcurador damesma, E daCoroa Villa

Bella 28 deoutubro de1777- Illustrissimo eExcellentissimoSenhor

5 Passe naforma dasOrdens Estabelecidas

[rubrica] VillaBella 22de Novembro de1777

[rubrica]

Diz Vicente deOliveiraLeme que elleSu

plicante intenta stabeleser humaFazenda de GadoVacúm,

10 Egoas, eBurras, nodestrito doCuyabá adonde hé maior para

aqual nesecita detresLegoas deCampos, eMattos napara

gem daMorraria daRayzama gunto ahumRibeiram

que desse daditaMorraria com vertentes para osPantana

is doSangradoro adondefasbarrafazendo osMattos pi

15 (am) emhumRibeiro queSemete no dito Ribeiram quemem

doNascente eos Campos dehumPantanal quefasbarra no

Pantanal doSangradoro eFigueirafazendo estes (piam) no

meyo do dito Pantanal E como nesecita haver portitulado

Sismaria as ditas tresLegoas deCampos, eMattos para

3 Cf. Cambraia (2005, p. 63), cada registro de um texto constitui um testemunho, nesse caso o testemunho é idiógrafo, fixado por outra pessoa com autorização do autor.

- 20 o referido estabelecimento queoSuplicante pertende por Seachar  
com apocibilidade neseçaria para elle que hé emutilidade doPu  
blico Eporiso  
Passouse a 16 de (Setem)bro de1781  
ParaVossaExcellencia Mefasamerce con
- 25 Seder em nome de Sua Magestade adita  
Sismaria de Campos e Mattos na  
forma que pede para opertendi  
do stabelecimento da Sua Fazenda  
naquele remoto Sertam
- 30 *Espera Receber Merce*

Ms2

Informação do Provedor da Real Casa e Exm<sup>o</sup> Sr.  
 Fazenda de Minas e Promotor da mesma  
 e da Real Cella Real de Santos de 1778.

3-6-78

Segue no forma das Ordens da Real Casa  
 17 de Junho de 1778

SECRETARIA DE AMPLIACAO  
 DEPARTAMENTO DE ECONOMIA  
 E AGRICULTURA  
 MATO GROSSO

Dez o Alferes Felis José Neto morador na villa de  
 Cuyaba que do Sup<sup>o</sup> he peçido a compra de 10000  
 e Cavallos para servir a Real Armada de  
 João do Rio Grande Bento Gomes e porq<sup>ta</sup> fazenda se  
 acham mais de 100 mil Cabeças de Gado e para serem de  
 Lencas e Gado, que já se não pode apresentar outros pastos  
 e porq<sup>ta</sup> munta de gado e Gado de Setem transportado de  
 Outros Campos Verúes que são do Campo q<sup>ta</sup> se chama de  
 Se acham de Volúes q<sup>ta</sup> pertencem do partido de São Antonio  
 São Pedro e Ribeirão da Figueira e do partido do Noroeste  
 Noroeste em a estrada de Mato Grosso do Sul em a Paro-  
 quial de Bento Gomes q<sup>ta</sup> faz barid no sobro de Ribeirão da Fi-  
 gueira e como o Sup<sup>o</sup> Carece de mais terreno de Sobro de  
 Campos e Mato por se acharem de Volúes, a que se imorrenam q<sup>ta</sup> V. Ex.  
 Por Seruido Conceder-lhes por Carta de D. Maria II p<sup>ta</sup> fazer os  
 Onde mais Conveniente he por atender do V. Ex. a grande ne-  
 cessidade de Gado e Gado q<sup>ta</sup> a Campa e a cada cinco to-  
 dos no anno mais de mil e quinhentos Boves e de munta  
 e porq<sup>ta</sup>.

Dez o Alferes Felis José Neto morador na villa de  
 Cuyaba que do Sup<sup>o</sup> he peçido a compra de 10000  
 e Cavallos para servir a Real Armada de  
 João do Rio Grande Bento Gomes e porq<sup>ta</sup> fazenda se  
 acham mais de 100 mil Cabeças de Gado e para serem de  
 Lencas e Gado, que já se não pode apresentar outros pastos  
 e porq<sup>ta</sup> munta de gado e Gado de Setem transportado de  
 Outros Campos Verúes que são do Campo q<sup>ta</sup> se chama de  
 Se acham de Volúes q<sup>ta</sup> pertencem do partido de São Antonio  
 São Pedro e Ribeirão da Figueira e do partido do Noroeste  
 Noroeste em a estrada de Mato Grosso do Sul em a Paro-  
 quial de Bento Gomes q<sup>ta</sup> faz barid no sobro de Ribeirão da Fi-  
 gueira e como o Sup<sup>o</sup> Carece de mais terreno de Sobro de  
 Campos e Mato por se acharem de Volúes, a que se imorrenam q<sup>ta</sup> V. Ex.  
 Por Seruido Conceder-lhes por Carta de D. Maria II p<sup>ta</sup> fazer os  
 Onde mais Conveniente he por atender do V. Ex. a grande ne-  
 cessidade de Gado e Gado q<sup>ta</sup> a Campa e a cada cinco to-  
 dos no anno mais de mil e quinhentos Boves e de munta  
 e porq<sup>ta</sup>.

V. Ex. seja Seruido mandar pa-  
 sar ao Sup<sup>o</sup> Sua Carta de D. Maria II no forma  
 requerida. Com a qual se imorrenam de terras q<sup>ta</sup>  
 V. Ex. for Seruido

C. R. D.

Transcrição 2- Fólio 1r	
Código de identificação	BR APMT SES. RQ. 0104. CAIXA Nº 002
Assunto	Requerimento de Felix M. Gonçalves Netto ao governador e capitão-general da Capitania de Mato Grosso, Luís de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, pedindo mais extensões de terras por carta de sesmaria.
Local	Vila Bela da Santissima Trindade
Data	3 de junho de 1778
Assinatura	Idiógrafo

Informe oDoutor Provedor daReal *Illustrissimo e Excellentissimo Senhor*  
Fazenda, ouvido oProcurador damesma  
edaCoroaVilla Bella 3 de Iunhode1778-  
{3-6-78}

5 Passe naforma dasOrdens *Villa Bella*  
X[rubrica] — 19 de Iunho de1778—  
[rubrica] —

Diz o Alferis Felis (*Gonçallv*)iz Netto morador navilla do  
Cuyabá que elle *suplicante* hé pesuidor dehuma Fazenda de Gado Va  
10 cum e Cavallos na parajem Xamada Santa Anna Mar  
jenš do Rio Xamado Bento Gomis epor*que* nadita Fazenda se  
acham Mais deOito Mil Cabezas de Gado e para Sima dedu  
zentas Egoas, que já Senaõ pode apasientar nos ditos pastos  
e*porque* muinta parte do *dito* gado e Egoas Setem transportado *para*

15 Outros Campos Vezinhos que Sam os Campos *que* Se xamaõ digo *que*  
Se acham deVolutos *que* partem daparte do puente Com Antonio  
Pais Pedrozo Ribeiram da Figueira e daParte do Norte ou  
Noro este Com- a istrada duMatto GrosodoSul Com- o Panta  
nal deBento Gomiz *que* fas barra no sobre *dito* Ribeiram daFi  
20 gueira e Como O *Suplicante* carese daistensam dos Sobreditos Campos  
eMattos por Seacharem deVolutos, aquella instensam *que* *Vossa Excellencia*  
For Servido Concederlhe por Carta de Sismaria E fazer pi(am

Onde Mais Conveniente lhefor atendendo *Vossa Excellencia* ao grande numero de Gado e Egoas *que* o Cupa dilatada Campanha e ainda tendo to  
 25 dos os annos mais de Mil e quinhentos Bezerros deMutupliçasaõ  
 eporiso.  
*Para aVossa Excellencia* Seja Servido mandar pa  
 sar ao *Suplicante* Sua Carta de Sismaria naforma  
 requerida Com-aquela instensam de terras *que*  
 30 *Vossa Excellencia* for Servido  
*Espera Receber Merce*

#### 4. Considerações sobre aspectos grafo-fonológicos dos manuscritos.

A inexistência de uma imprensa oficial em Mato Grosso tornava muito comum a prática manual da escrita, encontrando-se, assim, um grande número de documentos oficiais redigidos à mão no acervo histórico.

O que se percebe na escrita desses manuscritos talvez esteja bem longe do que seria de fato a fala da maioria da população da época, mas não há como negar a presença neles de alguns resquícios de oralidade. Sabe-se que poucos eram os privilegiados na instrução da leitura e da escrita neste período, sendo que, os que a tinham, na sua maioria, eram portugueses ou brasileiros com formação obtida em Portugal.

Fausto (1994, p. 237) assegura que, no final do período imperial, já passado um século da política pombalina, a taxa de analfabetismo da população brasileira, composta por homens livres, era de aproximadamente 80%, que, somando-se as mulheres, iria para 86%, a de escravos 99,9%.

Por isso, e mesmo considerando-se que os textos fossem produzidos por pessoas letradas, ou treinadas para isso, características da língua falada desse período são neles percebidas, fato estudado por Santiago-Almeida (2000), dentre outros, devendo-se, entretanto, ter o cuidado de atentar para as ocorrências de poligrafia, dado que não havia, à época, normatização ortográfica, embora se possa constatar certa regularidade de procedimentos de escrita<sup>4</sup>.

4 Apenas a partir de 1904, com a publicação de Ortografia Nacional, de Gonçalves Viana, buscou-se regulamentar o ortografia portuguesa.

O que se propõe a fazer nesse artigo, principalmente, é uma abordagem grafemático-fonética, com a elaboração de quadros das ocorrências encontradas que diferem da escrita atual, grafia que evidencia resquícios do período fonético da ortografia da Língua Portuguesa, na qual, segundo Coutinho (1970, p. 71), “[...] a língua era escrita para o ouvido”.

Observem-se as ocorrências encontradas nos manuscritos:

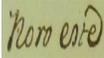
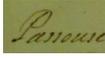
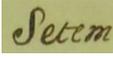
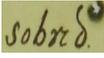
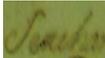
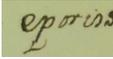
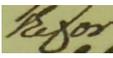
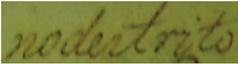
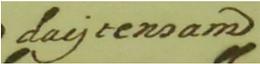
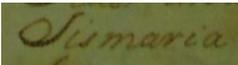
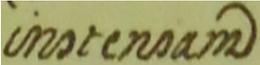
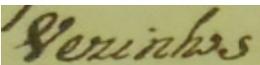
Separação		Junção	
Ms2	Ms1		Ms2
<Noro este> (18) 	<Passouse> (23) 	<Setem> (14)	
<sobre dito> (19) 	<Seachar> (20) 	<Seacharem> (21)	
		<eporiso> (26)	
		<Lhefor> (23)	

Tabela 1: Fronteiras de palavras – o vocábulo fonológico

No manuscrito, observam-se muitas ocorrências de junção de palavras, registrando-se na escrita o fato sobre o qual Mattoso Câmara (1969, p.36) afirma: “As pessoas mal alfabetizadas de hoje e os copistas medievais, escrevendo <olivro>, <sefala> e <falasse>, sem espaço em branco, estão adotando um critério fonológico” (grifo nosso). Na atualidade, observa-se que alunos em sala de aula demonstram dúvidas na escrita, se com fronteira entre palavras ou não, como em: <de repente> por <derrepente>, <com certeza> por <concereteza>, <de vereda> por <devereda>, <a partir> por <apartir>, <com defeito> por <condefeito>.

Ms1		Ms2	
	<nodestrito> (10)		<daistensam> (20)
	<Sismaria> (19, 26)		<instensam> (21)
			<Vezinhos> (15)

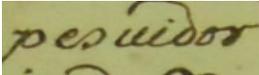
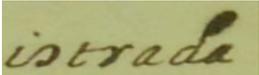
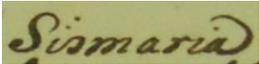
	<pesuidor >(19)
	<istrada> (18)
	<Sismaria> (22, 28)

Tabela 2: Oscilação gráfica das vogais átonas pretônicas.

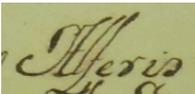
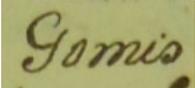
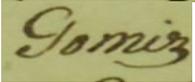
	<b>Ms2</b>
	<Alferis> (8)
	<Gomis> (11)
	<Gomiz> (19)

Tabela 3: Grafia das pós-tônicas.

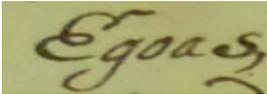
<b>Ms1</b>		<b>Ms2</b>
	<Egoas> (10)	
	<Legoas> (10, 19)	
		<Egoas> (13-14, 24)

Tabela 4: Grafia de ditongos.

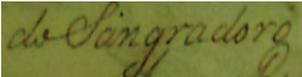
<b>Ms1</b>	
	<doSangradora> (14)

Tabela 5: Redução do ditongo decrescente ou monotongação.

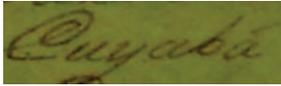
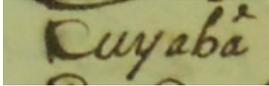
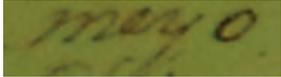
Ms1		Ms2	
	<Cuyabá> (10)		<Cuyabá> (9)
	<meyo> (18)		

Tabela 6: Uso da semivogal com <y>.

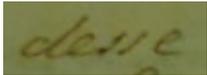
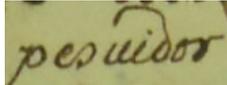
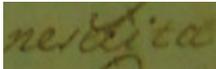
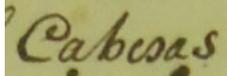
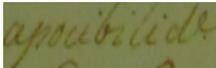
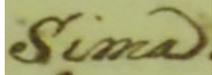
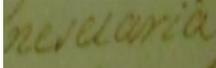
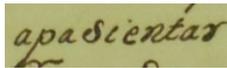
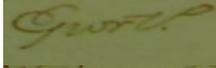
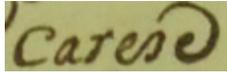
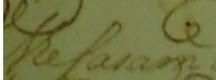
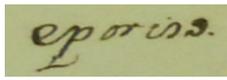
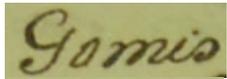
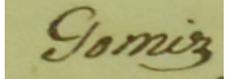
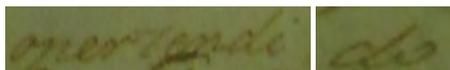
Ms1 Equivalente a /s/:		Ms2	
	<desse> (13) (correspondente ao verbo descer).		<pesuidor> (9)
	<nescita> (18)		<cabeças> (12)
	<apocibilidade> (21)		<Sima> (12)
	<neseçaria> (21)		<apasientar> (13)
	<Com  Seder> (24-25) <sup>5</sup>		<fas> (19)
	<Eporiso> (22)		<carese> (20)
	<Mefasamerce> (24)		<eporiso> (26)
			<Gomis> (11)
			<Gomiz> (19)

Tabela 7: Variações gráficas relacionadas aos fonemas fricativos /s/ e /z/.

5 A barra vertical (|) indica mudança de linha.

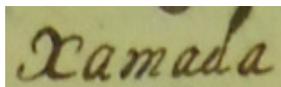
**Ms1**

&lt;pertende&gt; (l. 20)

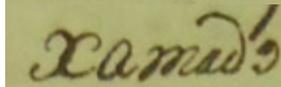


&lt;opertendi|do&gt; (27-28)

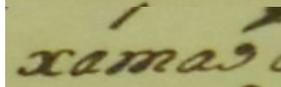
Tabela 8: Ocorrência de metátese.

**Ms2**

&lt;Xamada&gt; (10)



&lt;Xamado&gt; (11)



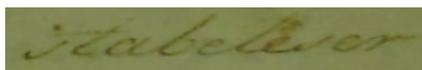
&lt;xamaõ&gt; (15)

Tabela 9: Grafia da sibilante palatal.

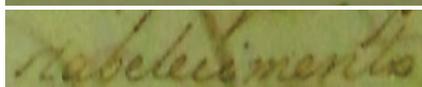
**Ms2**

&lt;Felis&gt; (18)

Tabela 10: Uso de /s/ no lugar do difono /x/ .

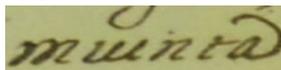
**Ms1**

&lt;stabelecer&gt; (9, 28)



&lt;stabelecimento&gt; (28)

Tabela 11: Apagamento da vogal átona pré-tônica.

**Ms2**

&lt;muinta&gt; (14)

Tabela 12: Prolação da nasalidade.

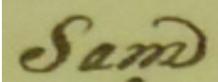
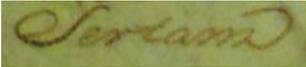
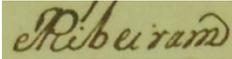
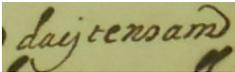
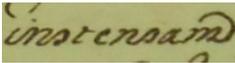
Ms1		Ms2
	<Ribeiram> (12)	 <Sam> (15)
	<Sertam> (29)	 <Ribeiram> (17, 19)
		 <daistensam> (20)
		 <instensam> (21, 29)

Tabela 13: Uso da desinência <am> no lugar de ão.

Ms2

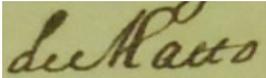
 <duMatto> (18)

Tabela 14: Troca da vogal <o> por <u>.

Ms1

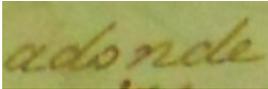
 <adonde> (10-14)

Tabela 15: Adição de vogal ao advérbio.

Ms2

 <mar|jenš> (10-11)

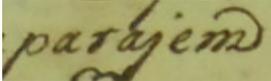
 <parajem> (10)

Tabela 16: Troca de <g> por <j>.

Ms1

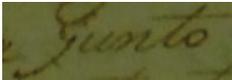
 <gunto> (12)

Tabela 17: Troca de <j> por <g>.

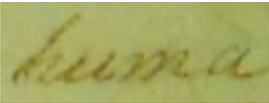
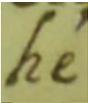
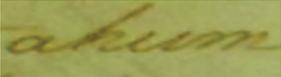
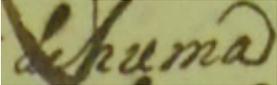
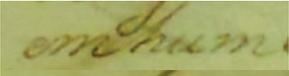
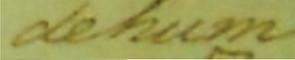
Ms1		Ms2	
	<huma> (9)		<hé> (9)
	<ahum> (12)		<dehuma> (9)
	<emhum> (15)		
	<dehum> (16)		
	<hé> (10, 21)		

Tabela 18: Uso da letra h (sinal etimológico, contado como letra e não como fonema).

A respeito do uso do <h>, Leão (1530-1608, p.7) assegura que, embora seja de “aspiração ociosa”, deve ser preservada para manter a ortografia dos nomes latinos e gregos para se conhecer sua origem e etimologia. Nos manuscritos, o <h> aparece grafado apenas em início de vocábulo, conforme Santiago-Almeida (2000, p. 76), “[...] por analogia a vocábulos de origem latina, o <h> acaba sendo grafado em posição inicial de vocábulo que, segundo seu étimo, não possui tal grafema: *huma, huns, hum (unus, a, um)*.”<sup>6</sup>

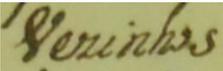
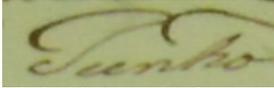
Ms2	
	<Vezinhos> (15)

Tabela 19: Uso do <z> equivalente a <v>.

Encontra-se também a presença de letra ramista, denominada dessa forma em razão do nome do humanista francês que as propôs no século XVI, *Petrus Ramus* ou *Pierre de La Ramée* (1515-1572), pois os escribas da Idade Média não diferenciavam <i> e <j> e nem <u> e <v> (HIGOUNET, 2003, p. 105). Exemplo:

6 O <h> ocorre também no interior do vocábulo.

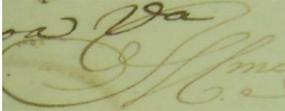
Ms2



<Junho> (3, 6)

Tabela 20: Letra ramista: troca de <j> por <i>

Ms1



<Illustrissimo>  
(4)



<Bella> (16)



<elle> (8, 21)

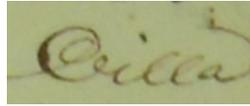


<osMattos> (14)



<eMattos> (19)

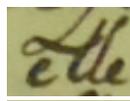
Ms2



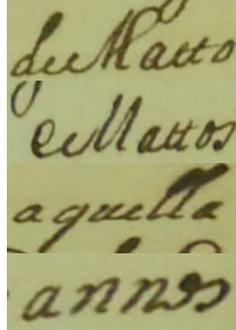
<Villa> (3)



<Bella> (3)



<elle> (9)



<duMattos>  
(18)

<eMattos>  
(21)

<aquella> (21)

<annos> (25)

Tabela 21: Duplicação de consoantes.

A duplicação de consoantes remete ao período pseudo-etimológico<sup>7</sup> da ortografia da Língua Portuguesa, na qual os eruditos buscavam a representação da escrita em base etimológica.

Voltando-se para os diacríticos, para Acioli (2003, p. 53-54, “[...] são aqueles sinais que conferem às letras ou grupos de letras um valor fonológico especial. Atualmente, o til e a cedilha são considerados diacríticos.” Conforme

<sup>7</sup> Cf. Coutinho (1970, p. 71-72) “[...] o que caracteriza este período é o emprego de consoantes geminadas e insonoras de gupos consonantais impropriamente chamados gregos [...]”

Oliveira (2010, p.70), esses sinais promovem mudanças prosódicas e fonológicas, indicando maior ou menor entonação na pronúncia. O uso dos diacríticos tinha a função de demarcar intensidade e entonação da pronúncia das sílabas. Em relação à marca de tonicidade expressa pelos diacríticos, percebe-se que não havia uma preocupação dos escribas em acentuar graficamente a vogal tônica como em <Egoas> (Ms1, 10, Ms2, 13, 14, 24), <Legoas> (Ms1, 11 e 19), <titulo> (Ms1, 18), <tres> (Ms1, 11 e 19), <neseçaria> (Ms 1, 21), <Publico> (Ms1, 21 e 22) e <Numero> (Ms2, 23 e 24).

Vale ressaltar o vocábulo <punte> (Ms2, 16), que é de origem espanhola e que, por isso, não foi descrito anteriormente como alguma oscilação.

Percebe-se ainda, em outros requerimentos coletados no Arquivo Público de Mato Grosso, a ocorrência de monotongação, como em <lavora>, fenômeno que também ocorre na fala do português atual, como nas palavras <peixe>: [peʃe], <feijão>: [feʒão], <queijo>: [queʒo], dentre outros. O vocábulo sesmaria, por exemplo, pode ser encontrado em outros documentos grafado de três maneiras: <Cismaria>, <Cesmaria> e <Sismaria>, numa clara demonstração de poligrafia, característica da época.

Muitos destes aspectos tratados anteriormente podem ser percebidos na fala do português contemporâneo, principalmente em regiões que ficaram mais distantes do litoral brasileiro, após o período da colonização, ou que pertençam à “área de cultura caipira”, na visão de Ribeiro (1995).

## **Conclusão.**

De fato, a escrita é um dos maiores legados que a humanidade construiu para preservar sua memória cultural. A fala é volátil, mas a escrita permite que futuras gerações conheçam sua história, com seus costumes e cultura, enfim. Pois, como afirmou Fernão Oliveira (1975, p. 43-45), “[...] os homens fazem a língua, e não a língua os homens”.

A utilização das edições fac-similar e semidiplomática teve por objetivo facilitar a leitura dos testemunhos, possibilitando seu estudo a leitores e pesquisadores de outras áreas de conhecimento, buscando preservar o mais fielmente possível as características dos manuscritos, representando graficamente os vocábulos tal qual se apresentam.

A descrição e análise dos grafemas/fonemas desse período podem contribuir com a história da Língua Portuguesa falada no Brasil e também com o próprio processo de ensino da língua, numa perspectiva diferente, abrindo novos olhares para o ensino que respeite as variações.

## Referências bibliográficas.

- ANDRADE, Elias Alves de; BARONAS, Roberto Leiser; SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. *Plano de Guerra da Capitania de Matto Grosso-Janeiro de 1800*. Cuiabá: EdUFMT, 2012.
- \_\_\_\_\_. Cotejo de manuscritos do século XIX. In: *Revista Caligrama*, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, 2010, p. p 161–187.
- \_\_\_\_\_. Aspectos paleográficos em manuscritos dos séculos XVIII e XIX. In: *Revista Filologia e Linguística Portuguesa, FFLCH/ USP*, ISSN 1517- 4530, n. 10/11, 2010, p. 149-172.
- CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970.
- BELLOTO, Heloíza Liberalli. Como fazer análise diplomática e análise tipológica de documento de arquivo. Arquivo do Estado e Imprensa Oficial do Estado, São Paulo 2002.
- FAUSTO, C. História do Brasil. São Paulo: EDUSP/FDE, 1994.
- FLEXOR, Maria Helena Ochi. *Abreviaturas: manuscritos dos séculos XVI ao XIX*/ Maria Helena Ochi Flexor. – 3. ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008.
- HIGOUNET, C. (2003) *História concisa da escrita*. [Tradução da 13ª ed. corrigida Marcos Marcionilo]. São Paulo: Parábola.
- FRANÇA, José Marcos de. Por uma prática da oralidade nas aulas de língua materna: escrita, letramento e gênero textual. Disponível em: <[http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao05/refenli\\_francajm.php](http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao05/refenli_francajm.php)> Acesso em 13 de junho de 2012.
- LEÃO, Duarte Nunes de, fl. 1530-1608. *Orthographia da lingoa portuguesa : obra vtil & necessaria assi pera bem screuer a lingoa Hespanhol como a Latina & quaesquer outras que da Latina teem origem ; Item hum tractado dos pontos das clausulas / pelo licenciado Duarte Nunez do Lião*. - Em Lisboa: per João de Barreira, 1576. - [4], 78 f. ; 4º (20 cm) <http://purl.pt/15> . - Marca do impressor. - Assin: A//4,A-I//8,K//6. - Anselmo 225. - D. Manuel 154. - Palau 196757.
- OLIVEIRA, Fernão de. *A gramática da linguagem portuguesa*. Org. por Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1975.
- OLIVEIRA, Helena de. *Edição Semidiplomática e análise diacrítica de manuscritos do século XIX da administração geral dos Correios em São Paulo*.

- São Paulo: USP, 2010. Dissertação de Mestrado.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. (2000) *Aspectos fonológicos do português falado na baixada cuiabana: traços de língua antiga preservados no Brasil* (Manuscritos da época das Bandeiras, século XVIII). São Paulo. Tese (Doutorado) “Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- \_\_\_\_\_. *Estudo linguístico de um manuscrito setecentista*. Revista Polifonia, nº 4, ISSN 0104-687X, p. 01-14, EduFMT, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Grafemas e diacríticos em manuscritos setecentistas*. In: Cadernos do CNLF (CiFEFil), v. 10, p. 76-83, 2003.
- SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel M.; ARAUJO, Gabriel Antunes de. *Rastro fonológico no rastrum filológico*. p. 263-280. Disponível em <<http://www.fflch.usp.br/dlcvlport/flp/images/arquivos/FLP10-11/Santiago-Almeida,%20Araujo.pdf>> Acesso em 27 de julho de 2012
- SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *História de Mato Grosso: da ancestralidade aos dias atuais*. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.
- SPINA, Segismundo. *Introdução à edótica*. São Paulo: editora Cultrix, 1977.
- Sites consultados*
- <[http://www.tabuleirodeletras.uneb.br/secun/numero\\_01/pdf/artigo\\_vol01\\_07.pdf](http://www.tabuleirodeletras.uneb.br/secun/numero_01/pdf/artigo_vol01_07.pdf)> Acesso em 13 de junho de 2012.
- <[http://www.fonologia.org/fonetica\\_consoantes.php](http://www.fonologia.org/fonetica_consoantes.php)> Acesso em 13 de julho de 2012.